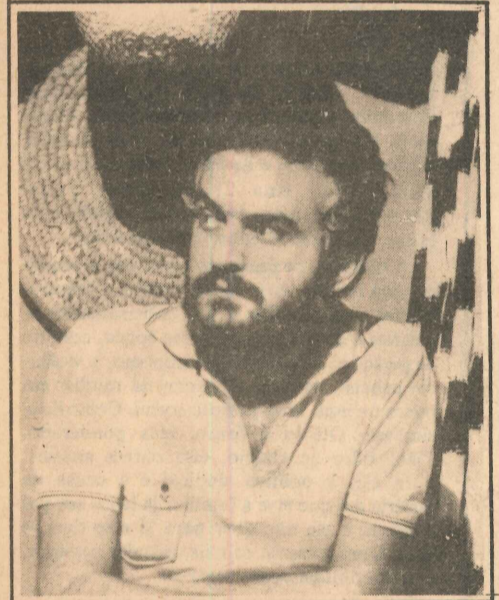


A108131



Os manguezais hoje são vistos como lugares essencialmente sujos devido à proliferação dos moradores carentes, que também utilizam a área como depósito de lixo.

Cláudio Noé, da Acapema: "...o mangue não é uma área suja, mas fértil e que representa uma importante fonte econômica para todos os países do mundo"



A destruição dos manguezais

Por Mariza Cavalcanti

O mangue representa nas regiões litorâneas brasileiras um elo importante para a cadeia alimentar, a preservação de animais marinhos e a formação de uma flora específica. Dele, dependem inúmeras espécies de peixes, camarões, caranguejos, mexilhões e maris (muitos de interesse comercial).

Toda esta riqueza, porém, vem tomando um novo aspecto nas últimas décadas. Com a expansão das áreas urbanas, as regiões de manguezais deixaram de ser respeitadas como um ecossistema sadio para a conservação da vida da nossa fauna e flora. E o Espírito Santo é um exemplo. Rodeada de mangues, Vitória agora também se transforma.

Com isto, perdem não somente aqueles que vivem da pesca e comercialização de animais marinhos, mas toda a população já que, dos manguezais, depende o equilíbrio ecológico da natureza — hoje tão abalado por diversos outros fatores. Atualmente, os mangues são utilizados para depósitos de lixo, receptores de esgoto doméstico e industrial e para especulação imobiliária. O mangue é um local fértil, apropriado para a criação de insetos, e consequentemente, de transmissão de doenças. O assunto apassiona os biólogos pois são eles os fervorosos defensores deste tão sui-generis ambiente. Embora não se identificando, dois profissionais capixabas, lembram a importância dos mangues, explicando o que representam para a população "os ataques feitos constantemente a estes ecossistemas".

FEMA

No ano passado, a Fundação Estadual do Meio Ambiente (Fema) foi extinta, junto a vários outros órgãos do Estado, por intermédio de um decreto do governador Eurico Rezende. Criada pelo mesmo com tanto entusiasmo, o órgão havia satisfeito a reivindicação de cientistas, intelectuais, ecólogos, engenheiros e, de maneira geral, da população. Do órgão sobra hoje o Departamento de Ações Ambientais, atrelado à Secretaria de Saúde.

O órgão havia feito estudos sobre a situação ecológica do Estado e planejado projetos para a solução dos problemas. Um destes projetos, segun-

do conta uma bióloga, membro da Associação, Capixaba do Meio Ambiente (Acapema), era a criação de uma estação ambiental no manguezal do rio Aldeia Velha, em Guarapari.

Bastante extenso, o manguezal serviria para a preservação da fauna e da flora da região e para a realização de estudos científicos sobre o ecossistema. Em 80, foram feitos levantamentos aerofotogramétricos, relatórios, mapeamentos, com o objetivo de efetivar a transformação do mangue em uma espécie de reserva natural.

VERBAS

Porém, apesar do apoio do presidente da Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema), Paulo Nogueira Neto, o projeto foi interrompido, pela falta de verbas e extinção da Fema. "Neste mangue, existe um papagaio que está ameaçado de extinção. Esta espécie só vive em mangues", lembra a bióloga.

Além deste projeto, a Fema pretendia realizar levantamentos sobre todos os mangues capixabas, sua fauna e flora específicas. "Ainda existem mangues bem conservados no Estado. Outros estão deteriorados, com raras espécies vegetais e animais. Mas, é importante que se garanta a sobrevivência de alguns deles", frisam os biólogos.

PDU

A legislação do Plano Diretor Urbano de Vitória (PDU) elaborado pelo Instituto Jones Santos Neves, prevê a delimitação das áreas de manguezais do Município. Há mais de um ano, o PDU vem sendo discutido pela Prefeitura e Câmara Municipais, tendo sido feitas modificações. Para o presidente da Acapema, Claudio Saad Noé, o Plano deve ser aprovado com urgência para se garantir a não ocupação de todos os mangues da capital.

"A população necessita de áreas para habitar, porém, e preciso que se restrinja a ocupação indiscriminada dos manguezais. Com a demarcação destas regiões, já estaria garantida a preservação de alguns mangues, o que já é um passo. É preciso que a população, os órgãos oficiais e privados se conscientizem de que o mangue não é uma área suja, mas fértil e que representa uma importante fonte econômica para todos os países do mundo", frisa Claudio.

MANGUES DE VITÓRIA

Santa Rita pode ser citado como um bairro que foi formado através da invasão de manguezais. Além desta, muitas outras regiões habitadas do município de Vila Velha, foram criadas por aterros promovidos pela Prefeitura local. "O mangue de Santa Rita não pode mais ser preservado, pois está completamente deteriorado", conta Claudio Saad Noé.

Em Vitória, São Pedro e Maria Ortiz são exemplos clássicos, pois, nestes dois bairros, vivem hoje centenas de famílias. Até pouco tempo, nestas áreas permaneciam intactas grandes extensões de manguezais. "Os aterros feitos por grupos privados e oficiais são muito predatórios. A PMV, por exemplo, para proteger uma de suas obras, a urbanização de São Pedro, está acabando com milhares de metros de mangue", frisa o presidente da Acapema.

E este é o outro aspecto dos manguezais. Além do seu valor ecológico, e geomorfológico, ele adquiriu um aspecto social inegável. Cláudio Saad Noé analisa este problema: "O contingente de imigrantes, provenientes do êxodo rural, e a população urbana carente, ambos sem condições de habitação, procuram hoje o mangue para construir moradia, pois é terreno pertencente à União".

ECOSSISTEMA FRÁGIL

O mangue é um ecossistema original e frágil, com características muito próprias que oferecem condições de vida a poucas espécies vegetais e a maioria dos animais marinhos — ou, pelos menos, daqueles que dão início aos primeiros elos da cadeia alimentar. Devido à alta salinidade da água e do solo, aos níveis baixos de oxigênio e à frequência de inundações pela maré, as poucas plantas que vivem no mangue são bem adaptadas.

Para resistirem às condições do mangue, as plantas possuem mecanismos como o de fixação mecânica no solo frouxo, raízes respiratórias (pneumatóforas), de dispersão (propágulo) e de adaptação ao sal (como a *avicena*, que tem folhas com glândulas epidérmicas com capacidade de eliminar o excesso de sal).

Além da importância na cadeia de reprodução de todas espécies de crustáceos, o mangue tem valor geomorfológico pela fixação de sedimentos

provenientes dos rios, como materiais orgânicos e partículas minerais. Um dos biólogos, que não se identificou, explica: "O rio, ao desembocar no mangue, traz sedimentos que se precipitam ao entrar em contato com a água do mar, acumulando-se num local, que se torna ideal para o estabelecimento de plantas".

E diz ainda: "O mangue ajuda na formação de terra. Existem vários trabalhos científicos sobre a quantidade de matéria orgânica que o mangue exporta para o mar e que se transforma em matéria mineral".

NICHOS ECOLÓGICOS

Devido à estrutura do mangue, são criados numerosos nichos ecológicos, onde espécies de peixes, crustáceos e moluscos passam toda ou pelo menos parte de suas vidas. Eles são utilizados como reprodução, desova, crescimento, alimentação e também como proteção contra predadores.

Há estudos que indicam os movimentos migratórios de camarão entre o mar e o mangue. Na África, as formas pós-larvais de camarão entram nos mangues quando a salinidade é máxima, e os adultos migram para o mar quando a mesma diminui sensivelmente.

No Espírito Santo, ainda estão em condições de recuperação e preservação os mangues de Guarapari, Santa Cruz, Ilha das Caieiras, Itaúna, Conceição da Barra, Bala de Vitória, (Santa Maria, em Goiabeiras) e da Barra do Itapemirim. Segundo Cláudio Saad Noé, a Acapema não possui poderes para coibir os abusos praticados contra a natureza.

E conclui: "Os setores oficiais e privados, ataram vastas áreas de mangue, destruindo a cadeia de reprodução de inúmeras espécies animais. É preciso que todos se conscientizem da importância do mangue. Nos Estados Unidos, o Governo está restaurando um mangue da Flórida completamente destruído. Aqui, nós ainda temos mangues que podem ser preservados. Basta apenas desapropriar os que habitam na área, e transformá-la em laboratório natural".